



FORMAÇÃO ANTIRRACISTA PELA PERSPECTIVA (AUTO)BIOGRÁFICA: UM ESTUDO DE REVISÃO

*Ismael Silva Rattis*¹

Universidade de Brasília (UnB), DF, Brasil

*Jéssica de Almeida*²

Universidade de Brasília (UnB), DF, Brasil

RESUMO

Este texto resulta de um exercício de revisão bibliográfica desenvolvido no contexto de uma pesquisa de mestrado e objetivou conhecer trabalhos do campo da Educação Musical que tematizassem abordagens antirracistas para a formação docente em uma perspectiva (auto)biográfica. Para isso, efetuou-se buscas na Biblioteca Digital de Teses e Dissertações - BDTD e na plataforma Google Acadêmico com diferentes combinações dos termos descritores “(auto)biográfica”, “racismo/antirracista”, “Lei n. 10.639/03” e “educação musical”. Como resultados, são apresentados trinta (30) textos separados em duas seções de discussão, uma com enfoque na pesquisa (auto)biográfica e a perspectiva antirracista e outra com enfoque na educação musical e a perspectiva antirracista.

Palavras-Chave: Pesquisa (auto)biográfica; Educação musical; racismo; antirracismo; Lei 10.639/2003.

¹ Graduado no curso de Licenciatura em Música e mestrando em Música pela UnB. Integra o Grupo de Estudos e Pesquisas (Auto)Biográficas em Educação Musical (GEPaEM) e a Coordenação da Questão Negra da Secretaria de Direitos Humanos da Universidade de Brasília (COQUEN/SDH – UnB). É associado da ABPN e fundador do Instituto Batucada Organizada e um dos idealizadores dos projetos Caravana da Criança e do Coletivo Educação Pela Arte (CEPA). E-mail: Ismaelrattis@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0009-0004-5155-8714>

² Professora do Curso de Licenciatura em Música e dos Cursos de Mestrado e Doutorado do Programa de Pós-graduação em Música da Universidade de Brasília (UnB). Doutora e Mestre em Educação (Linha de Pesquisa Educação e Artes) pela Universidade Federal de Santa Maria (2016 e 2019). É líder do Grupo de Estudos e Pesquisas (Auto)Biográficas em Educação Musical (GEPaEM). E-mail: jessica.almeida@unb.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0752-120X>



ANTI-RACIST EDUCATION FROM AN (AUTO)BIOGRAPHICAL PERSPECTIVE: A REVIEW STUDY.

ABSTRACT

This text is the result of a bibliographic review exercise developed in the context of a Master's research and aimed to learn about works in the field of Music Education that address anti-racist approaches to teacher training from an (auto)biographical perspective. To this end, searches were carried out in the Digital Library of Theses and Dissertations - BDTD and on the Google Scholar platform with different combinations of the descriptors "(auto)biographical", "racism/anti-racist", "Law n. 10,639/03" and "music education". As a result, thirty (30) texts are presented, separated into two discussion sections, one focusing on (auto)biographical research and the anti-racist perspective and the other focusing on music education and the anti-racist perspective.

Keywords: (Auto)biographical research; Music education; racism; anti-racism; Law 10.639/2003.

LA EDUCACIÓN ANTIRRACISTA DESDE UNA PERSPECTIVA (AUTO)BIOGRÁFICA: UN ESTUDIO DE REVISIÓN

RESUMEN

Este texto es resultado de un ejercicio de revisión bibliográfica desarrollado en el contexto de una investigación de maestría y tuvo como objetivo conocer trabajos en el campo de la Educación Musical que abordan enfoques antirracistas en la formación docente desde una perspectiva (auto)biográfica. Para ello, se realizaron búsquedas en la Biblioteca Digital de Tesis y Disertaciones – BDTD y en la plataforma Google Académico con diferentes combinaciones de los descriptores "(auto)biográfico", "racismo/antirracista", "Ley n. 10.639/03" y "Educación musical". Como resultado, se presentan treinta (30) textos, separados en dos secciones de discusión, una centrada en la investigación (auto)biográfica y la perspectiva antirracista y la otra centrada en la educación musical y la perspectiva antirracista.

Palabras-clave: Investigación (auto)biográfica; Educación musical; racismo; antirracismo; Ley 10.639/2003.



L'ÉDUCATION ANTIRACISTE D'UN POINT DE VUE (AUTO)BIOGRAPHIQUE: UNE ÉTUDE DE SYNTHÈSE

RÉSUMÉ

Ce texte est le résultat d'un exercice de revue bibliographique développé dans le cadre d'une recherche de master et visant à connaître les travaux dans le domaine de l'éducation musicale qui abordent les approches antiracistes de la formation des enseignants dans une perspective (auto)biographique. À cette fin, des recherches ont été effectuées dans la Bibliothèque numérique des thèses et mémoires - BDTD et sur la plateforme Google Scholar avec différentes combinaisons des descripteurs « (auto)biographique », « racisme/antiraciste », « loi n° 10.639/03 » et « éducation musicale ». Ainsi, trente (30) textes sont présentés, séparés en deux sections de discussion, l'une axée sur la recherche (auto)biographique et la perspective antiraciste et l'autre sur l'éducation musicale et la perspective antiraciste.

Mots-clés: Recherche (auto)biographique; Éducation musicale; racisme; antiracisme; Loi 10.639/2003.

INTRODUÇÃO

Este texto resulta de um exercício de revisão bibliográfica desenvolvido no contexto de uma pesquisa³ de mestrado, cujo título é "Formação antirracista pela perspectiva (auto)biográfica: (des)atando nós entre a educação musical e a educação das relações étnico-raciais". A revisão objetivou conhecer trabalhos do campo da Educação Musical que tematizassem abordagens antirracistas para a formação docente em uma perspectiva (auto)biográfica.

Segundo Gomes (2023, p. 35), a Lei n. 10.639/2003, sancionada no ano de 2003, inclui os artigos 26-A e 79-B da Lei de Diretrizes e Bases (LDB) e versa sobre a obrigatoriedade do ensino de história e cultura afro-brasileira e africana na

³ Esta pesquisa está vinculada ao XXX da XXX, linha de pesquisa XXX e ao Grupo de XXX (XXX).



educação. Em 2008, a Lei n. 10.639/2003 foi alterada pela Lei n. 11.645/2008 e passou a integrar a temática indígena.

Considerando essa realidade, é importante (re)afirmar que as políticas afirmativas comprometidas com a criminalização do racismo e com as cotas raciais para universidades e concursos públicos se deram pela atuação histórica e insistente do Movimento Negro⁴ na sociedade brasileira. Por conta dessas ações é que podemos perceber que o "Estado brasileiro, ao reconhecer a imbricação entre desigualdades e diversidade, vem incorporando, aos poucos, a raça de forma significativa em algumas ações e políticas, especialmente na educação" (Gomes, 2023, p. 36).

Através dessas conquistas, a sociedade brasileira, em alguma medida, passou a reconhecer o protagonismo da população negra (pessoas pretas e pardas), que de acordo com censo demográfico de 2022 - apresentado no informe do Ministério da Igualdade Racial (MIR), realizado por Sá, Santos e Silva (2024) - representa 54,2% da população do país, ou seja, um contingente de 110 milhões de pessoas. A referida pesquisa de mestrado – que está em desenvolvimento – é fruto da constatação e da vivência dessa história de enfrentamento e obstinação das políticas públicas voltadas para a questão negra no Brasil.

Contudo, é preciso lembrar que apesar das significativas conquistas, a luta prossegue, pois os grupos conservadores se recusam a conviver com os avanços sociais que buscam emancipar a população negra. Estes mesmos grupos agem como sentinelas, imbuídos da lúgubre missão de obstaculizar e anular direitos

⁴ Entende-se como Movimento Negro as mais diversas formas de organização e articulação das negras e dos negros politicamente posicionados na luta contra o racismo e que visam à superação desse perverso fenômeno na sociedade. Participam dessa definição os grupos políticos, acadêmicos, culturais, religiosos e artísticos com o *objetivo explícito* de superação do racismo e da discriminação racial, de valorização e afirmação da história e da cultura negras no Brasil, de rompimento das barreiras racistas impostas aos negros e às negras na ocupação de diferentes espaços e lugares na sociedade (Gomes, 2023, p. 23-24, grifo do autor).



conquistados pela população negra, que são interpretados pela classe dominante como uma ameaça, pois mexem com os seus privilégios.

Por isso, "em tempos de incertezas, é preciso construir uma resistência democrática antirracista radical e novas fronteiras de conhecimento" (Gomes, 2018, p. 123). De forma constante e intensificada, para que a resistência avance, no enfrentamento da herança colonial que ainda se faz presente em vários âmbitos da sociedade, inclusive no campo da educação.

Nesse contexto, segundo Theodoro (2022, p. 174), na metade do Séc. XIX, iniciou-se um debate a respeito da possibilidade de realizar a abolição. Esta discussão trouxe a necessidade de pensar um novo projeto de país, cuja população negra já estava excluída dos planos idealizados pela classe dominante brasileira.

Sendo assim, nas primeiras décadas do Séc. XX, guiados por ideais eugenistas, a elite propôs uma espécie de regeneração da sociedade a partir do branqueamento da população e da realização de políticas que focavam a educação e a saúde. Políticas, que de acordo com Theodoro (2022, p. 175), traziam restrições explícitas do Estado brasileiro, que negava acesso das pessoas negras à educação. Assim, a população negra seguiu sendo idealizada pelo preconceito, pela discriminação e silenciada pelo epistemicídio.

A educação musical não costuma fugir dessa regra. Encapsulada por uma perspectiva eurocêntrica, tende a inclinar-se a uma lógica de escuta racializada, que tem como modelo os parâmetro de pureza artística, estética e moral instituídos pela modernidade ocidental, em que, conseqüentemente, são cometidos epistemicídios musicais.

A criação da Lei n. 10.639/2003 surge para colaborar com o rompimento dessas injustiças, para ressignificar a educação, a história, a cultura e a trajetória de vida da população negra no Brasil. Nesse sentido, as abordagens (auto)biográficas de pesquisa e formação tornam-se terreno fértil e estratégico para se pensar uma



educação antirracista. Isso porque, segundo Passeggi (2016, p. 309), a pesquisa (auto)biográfica preza pela emancipação, pela formação crítica de pessoas.

Interesse que vai ao encontro de um dos ideais do Movimento Negro educador que, segundo Gomes (2023, p. 22), visa retirar a população negra da suposta posição de inferioridade racial pregada pelo racismo. Uma ideologia que impede que homens e mulheres negras se percebam enquanto sujeitos de possibilidade.

Orientada por uma perspectiva antirracista, a pesquisa (auto)biográfica deve acolher o negro que, atravessado pelo epistemicídio, não se percebe enquanto sujeito epistêmico (do conhecimento). Negando a si mesmo - para atender às expectativas da branquitude - dificilmente se entende como sujeito autobiográfico (do autoconhecimento).

O epistemicídio, segundo Carneiro (2023, p. 14), anula as pessoas negras enquanto sujeito do conhecimento. Além disso, as interdita como sujeitos políticos, morais e de direitos. Evidenciando o papel da educação na produção de saberes e de subjetividades.

A EMERGÊNCIA DE UMA ABORDAGEM ANTIRRACISTA NA FORMAÇÃO NO CAMPO DA EDUCAÇÃO MUSICAL

Fora do âmbito de uma educação tradicional, geralmente, há um consenso sobre a emergência da construção de uma consciência crítica nos indivíduos ou grupos sociais para pensar uma sociedade autônoma, inclusiva, capaz de refletir e realizar ações objetivas para o bem comum individual e coletivo. O sociólogo e professor Alberto Guerreiro Ramos, em seu livro *Redução Sociológica* (2024, p. 57), diz que quando um grupo social ou ser humano é desprovido de consciência crítica, torna-se coisa, ou seja, uma matéria bruta do acaso, cujo destino não é próprio.



Considerando as tensões que emergem das relações étnico-raciais no país, o racismo é uma pauta imprescindível no processo de construção de uma consciência crítica no Brasil que, segundo Gomes (2023, p. 19), reconhece a existência do racismo. Nesse sentido, enfrentar o racismo é um imperativo ético, pois seus desdobramentos são nocivos à comunidade negra que, coisificada, tende a ver o seu futuro a partir do olhar e das premissas do seu algoz: o racismo.

Em Guimarães (1999, *apud* Carneiro, 2023, p. 20), o racismo se define por um *modus operandi* específico, que busca "naturalizar" critérios que não são naturais para justificar as desigualdades sociais e culturais entre negros e brancos como sendo algo inerente a cor, a raça. Segundo Carneiro (2023, p. 23), raça é um elemento estrutural para modelos de sociedades multirraciais cuja origem é colonial.

De acordo com Theodoro, (2022, p. 20), o racismo é uma ideologia que, além de alimentar a crença na superioridade branca, justifica a desigualdade e a violência contra a população negra. Estas características são organizadas em um plano macro e micro. O autor explica que no primeiro plano "o racismo se dissimula em pelo menos três elementos importantes: na branquitude, no biopoder e na necropolítica" (Theodoro, 2022, p. 20).

Segundo Pinheiro (2023, p. 55), a branquitude não se define apenas pela questão da cor da pele, mas pela relação de poder que a cor engendra para garantir acesso e manutenção aos privilégios. Sejam estes de ordem material ou simbólica.

Em conformidade, Theodoro (2022, p. 20-21), diz que a branquitude, além de subjugar, depõe contra as culturas que não estejam de acordo com os seus padrões e ideais de mundo. Já o biopoder e a necropolítica, por meio do Estado, juntamente com as instituições, incidem de modo decisivo sobre a vida e a morte de pessoas negras, que além de serem vítimas do braço armado do Estado, vivem de forma precarizada pela falta de acesso à justiça (são ameaçados pela impunidade), à moradia, à educação e à saúde de qualidade.



Por fim, no segundo plano, o autor reflete, que de modo contraproducente, no âmbito das relações interpessoais, por meio da discriminação e do preconceito racial, são criadas as representações sociais e os estereótipos negativos que sugerem ataques velados (ou não) aos valores, às crenças e à cultura negra. A confluência destes planos, além de ferir a autoestima deste grupo, os coloca em uma situação cotidiana de vulnerabilidade.

Segundo Guerreiro Ramos (2024, p. 57), a pessoa é um ser que possui uma história. Entretanto, a mentalidade colonial manifesta mediante o racismo, rouba o direito das pessoas negras de serem sujeitos de um destino próprio.

A dinâmica do colonialismo e da colonialidade preservam uma relação de poder que afirma uma lógica de opressão, empregando a desigualdade social, a negação, a invisibilização e a inferiorização dos corpos, dos saberes, dos valores, das crenças, da cultura e da arte - inclusive musical - oriundas da experiência negra. Pensando em educação, esta estrutura racista inibe a construção de uma formação crítica, capaz de romper com as armadilhas dessa violência epistêmica. Ampliando a ideia, de acordo com Sueli Carneiro, o epistemicídio:

[...] implica um processo persistente de produção da indigência cultural: pela negação ao acesso à educação, sobretudo de qualidade; pela produção de inferiorização intelectual; pelos diferentes mecanismos de deslegitimação do negro como portador e produtor de conhecimento e de rebaixamento da capacidade cognitiva pela carência material e/ou pelo comprometimento da autoestima; pelos processos de discriminação correntes no processo educativo [...] (Carneiro, 2023, p. 88).

Segundo Josso (2004), a formação, além de ser um processo intrínseco ao ser, é um objeto teórico educativo que tem como princípio considerar o ponto de vista de quem aprende. Isto é, do aprendente, que ao entender-se como sujeito do seu próprio processo formativo, integra-se em uma prática do saber-fazer, ao mesmo tempo que investiga e reflete criticamente, consigo mesmo e com seus pares, "sobre o que se aprendeu experiencialmente nas circunstâncias da vida"



(Josso, 2004, p. 43), sobre as experiências que foram, que são, que serão (ou não) formativas e transformativas em sua trajetória no e com o mundo que o cerca.

Como podemos observar, a formação passa por um processo de reflexão que elabora um anúncio de si mesmo, no qual Andrade (2023, p. 24) caracteriza como sendo uma "narrativa de si". O autor também nos lembra que, no livro *Tornar-se negro*, Neusa Santos Sousa (2017) nos alerta sobre como o racismo estrutura a própria narrativa de si mesmo das pessoas negras.

Isto é, enquanto construção social, o racismo "imputa às pessoas negras uma narrativa de si eivada sempre por uma identidade indelével, imposta pela lógica colonial" (Andrade, 2023, p. 24). Uma lógica de inferioridade que impede os indivíduos negros de lidarem com a singularidade de suas experiências. O que impacta, negativamente, o processo de formação desses indivíduos, pois experiência e formação são indissociáveis.

Sendo assim, para que a formação seja significativa, a recuperação da singularidade da experiência de narrar a si mesmo das pessoas negras deve considerar a quebra "das imposições do modelo colonial como condição identitária" (Andrade, 2023, p. 25). Isso aponta para a emergência de uma abordagem antirracista no campo da Educação Musical, tendo como elemento central a perspectiva (auto)biográfica, ou seja, o encontro de si mesmo com o outro e a problematização dos conflitos e violências que possam atravessar esse encontro.

Foram estas reflexões que nos levaram a ponderar sobre a importância de refletir sobre uma perspectiva antirracista para pensar a formação docente por meio da pesquisa (auto)biográfica no campo da educação musical. Assim, surgiu a necessidade de realizar uma revisão bibliográfica para investigar se, diante das conquistas políticas apresentadas, há uma perspectiva antirracista sendo discutida e praticada através da pesquisa (auto)biográfica no campo da educação musical.



APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS

Considerando o título desta pesquisa "Formação antirracista pela perspectiva (auto)biográfica: (des)atando nós entre a educação musical e a educação das relações étnico-raciais", nesta seção será apresentado um estudo de revisão bibliográfica, realizada por meio da coleta da produção disposta na Biblioteca Digital de Teses e Dissertações - BDTD e da plataforma Google Acadêmico. Em ambas as plataformas, as buscas foram efetuadas através de suas ferramentas de "busca avançada", sem utilização de filtros adicionais, a partir da combinação de diferentes termos descritores criados a partir das palavras "(auto)biográfica", "racismo", "Educação musical" e "lei 10.639/03", bem como de suas variações ("racista", por exemplo).

É importante ressaltar que, para lidar com a variedade dos resultados oferecidos pela plataforma Google acadêmico, as pesquisas foram limitadas até a sexta página do buscador. Com esta estratégia foi possível lançar um olhar criterioso na procura dos textos que fazem parte do presente estudo.

Os resultados gerais destas buscas foram organizados em dois quadros. O primeiro foi gerado a partir das pesquisas realizadas na plataforma BDTD e possui cinco colunas: termos descritores, resultados obtidos, textos selecionados, tipos de textos, nº de textos descartados. Os trabalhos descartados possuíam pouca ou nenhuma relação com o objeto de estudo da pesquisa ou apareciam repetidos no uso dos demais termos descritores.

Já o segundo quadro se refere às buscas realizadas no Google Acadêmico. Devido ao grande número de conteúdos (de diversas áreas) apresentados pela plataforma, passando de um mil (1.000) resultados, aqui, foram excluídas as colunas de resultados de busca e a coluna de trabalhos descartados. Sendo assim,



o quadro ficou organizado nas colunas, termos descritores, trabalhos selecionados e tipo de trabalho: tese, dissertação, artigos de revista ou capítulo de livro.

A partir dos resultados gerais organizados nesses dois quadros, foi possível perceber uma aparente lacuna nos estudos do campo da pesquisa (auto)biográfica em uma perspectiva antirracista no campo da educação musical, pois as buscas demonstraram-se insatisfatórias. Ao identificar esta possível lacuna, modificou-se a estratégia de busca. Então, distinguiu-se as áreas, para realizar buscas. Uma na área da pesquisa (auto)biográfica com uma perspectiva antirracista para formação docente e outra para o campo da educação musical em ambas as plataformas.

Para realizar o recorte sobre pesquisa (auto)biográfica em uma perspectiva antirracista, foram utilizados os termos descritores: "(auto)biográfica AND Antirracista", "(auto)biográfica AND Racista". Enquanto para educação musical em uma perspectiva antirracista, foram utilizados os termos descritores: "Educação musical AND 10.639/03", "Educação musical AND Antirracista", "Educação musical AND Racismo", "Formação AND Música AND 10.639/03", "Formação AND Musical AND 10.639/03".

Frente a essas novas buscas, foram gerados novos quadros com configurações semelhantes aos dois primeiros quadros. A mudança de estratégia na busca trouxe resultados mais satisfatórios. Isto é, possibilitou o contato com teses, dissertações, artigos de revistas ou de capítulos de livros que, em alguma medida, estabelecem diálogos com os objetivos da referida pesquisa.

A partir dessa estratégia de busca foram selecionados 30 trabalhos, sendo quatro teses, seis dissertações, e cinco artigos de revista no campo da pesquisa (auto)biográfica, enquanto na área da educação musical foram quantificadas quatro teses, seis dissertações, quatro artigos de revista e um artigo de capítulo de livro. Esses trabalhos foram selecionados a partir de uma pré-análise com base na leitura de seus títulos, resumos e palavras-chave. Posteriormente, eles foram organizados em quadros, separados por tipo de texto (tese, dissertação, artigo de revista e livro)



e campos de recorte, pesquisa (auto)biográfica e educação musical.

DISCUSSÃO DOS RESULTADOS: A PESQUISA (AUTO)BIOGRÁFICA E A PERSPECTIVA ANTIRRACISTA

As buscas que possibilitaram a seleção dos textos, cuja discussão de sua revisão é discutida neste artigo, foram realizadas nos dias 29 e 30 de janeiro de 2025. Aqui, no contexto da pesquisa (auto)biográfica, há três (3) trabalhos que abordaram o tema formação docente e o antirracismo no contexto do ensino superior com foco em professores universitários: Miranda (2018), Silva (2018) e Castro (2023).

Em Castro (2023), o antirracismo não aparece como elemento central de suas discussões. No entanto, o autor traz o tema como um dos elementos fundamentais para o enfrentamento do pensamento colonial no contexto do ensino superior. Lugar em que, geralmente, há uma hegemonia epistemológica eurocentrada.

Por meio de relatos (auto)biográficos de alguns docentes da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), o autor buscou compreender os processos formativos, bem como refletir como estes professores/as permeiam as fronteiras decoloniais do saber na construção do ambiente acadêmico realmente democrático e de suas práticas educativas.

De maneira mais específica, o artigo de Miranda (2018) e a dissertação de mestrado de Silva (2018), mais centrados nas questões da negritude, problematizam as trajetórias formativas de pesquisadores/as, professores/as negras/as. Ambas levantam discussões acerca das estruturas racistas e hegemônicas que envolvem o ensino superior e/ou os trajetos que estes indivíduos percorrem até chegar nele.

Em seu artigo, Miranda (2018) fez uso da abordagem (auto)biográfica alinhando-se às orientações presentes nos estudos de Christine Delory-Momberger



(2012) e Denice Bárbara Catani (2005). De acordo com a autora, sua escolha se dá pelo interesse em alcançar aproximações significativas da formação de pesquisadoras e de docentes negras do ensino superior, incluindo a pós-graduação. A autora discute como a presença e a produção dessas mulheres fazem emergir temáticas insurgentes e dissonantes, capazes de mexer com as estruturas epistemológicas e de poder.

Já em Silva (2018), são discutidas questões que envolvem a discriminação enfrentada por professores/as negros/as em seus processos formativos até chegar ao ensino superior. Em sua pesquisa, também foi abordada a importância da presença desses sujeitos para a transformação das universidades brasileiras. De acordo com a autora, os dados de sua pesquisa foram produzidos através de narrativas (auto)biográficas em proximidade com o método fenomenológico.

Além disso, Silva (2018) trabalha os conceitos de raça, racismo e etnia. No entanto, para além desses conceitos, a autora reflete sobre a importância de compreender quais são as forças políticas que tencionam as relações entre as pessoas negras e brancas que são usadas para justificar e perpetuar o racismo em nossa sociedade.

Dando sequência às discussões levantadas que abordam a formação docente em uma perspectiva antirracista, há duas (2) pesquisas que focam o tema no contexto da educação infantil, sendo elas Silva (2022) e Neves (2023). Em Silva (2022), a partir das suas experiências com as poéticas negras nas Artes, fiou lembranças e histórias de vida, tecendo uma relação estética, artística e existencial para alcançar reflexões com a finalidade de motivar o desenvolvimento de uma formação que seja capaz de produzir uma prática docente antirracista no contexto da educação infantil.

Em seu trabalho, os processos de formação docente foram compreendidos a partir das histórias de vidas e de narrativas autobiográficas (Josso, 2010). De acordo com a autora, estas histórias e narrativas foram alinhadas aos saberes



ancestrais: como o *Sankofa*. De acordo com Bâ (1982, *apud* Silva, 2022, p. 12), *Sankofa* é um símbolo traduzido pela volta ao passado em busca do que se esqueceu, representando o poder da oralidade na tradição viva.

Neves (2023), por sua vez, mapeou as possibilidades para trabalhar com a Educação das Relações Étnico-Raciais (ERER) com grupos de bebês no contexto da educação infantil. De acordo com a autora, estas possibilidades foram mapeadas por meio de questões que a auxiliaram na busca para compreender o que narram as professoras da educação infantil sobre suas práticas frente às questões étnico-raciais. Além disso, também buscou compreender quais experiências destacavam-se como positivas nas práticas educativas das professoras com as crianças na produção/vivência de uma educação estética antirracista.

Estes trabalhos nos ajudam a refletir sobre a importância de a ERER estar presente em todas as instâncias da educação. Isto é, da educação infantil ao ensino superior, para estabelecer um elo para o combate ao racismo, pois não adianta discutirmos o racismo em uma esfera da educação e em outra não. Sem esse elo, a luta antirracista tende a ser cansativa, prolongada e, pior, enfraquecida, tanto no campo individual quanto no coletivo.

Outros três (3) pesquisadores/as têm discutido a formação docente antirracista atribuindo ênfase à implementação da Lei n. 10.639/2003. Os trabalhos de Macedo (2018), Dias (2023) e Santos (2024) buscam compreender como as narrativas (auto)biográficas de pessoas negras contribuem para a implementação da referida lei no espaço escolar. Essas investigações tomam como base os aportes teórico-metodológicos das abordagens (auto)biográficas.

A pesquisa de Macedo (2018), objetiva compreender como as narrativas (auto)biográficas de professores negros e negras contribuem para a efetivação da Lei n. 10.639/2003, apontando um caminho para o combate ao racismo, a partir do ensino de história. A dissertação de mestrado de Dias (2023) localiza a autora no contexto da educação básica, lugar em que ela vive suas experiências enquanto



professora de artes visuais.

Dias (2023, p. 15-16) traz uma problematização pertinente com relação ao pacto narcísico da branquitude, que se perpetua na educação, invisibilizando produções negras. Diante disso, a autora reivindica a estimulação de produções e representações de culturas silenciadas, e não hegemônicas, para debater os desdobramentos do racismo em nossa sociedade e na escola, a partir do diálogo entre as Artes Visuais e a ERER.

De acordo com a autora, é um apelo necessário em um país onde, a cada 23 minutos, um jovem negro é assassinado, segundo os dados de 2017, do mapa da violência, da Faculdade Latino-Americana de Ciências Sociais (Flacso). Infelizmente, uma realidade naturalizada pela impunidade e por várias instituições, inclusive as educacionais.

Em sua pesquisa, Silva (2024), que é pesquisadora quilombola, trabalhou com professores negros, graduados em licenciaturas ou alunos negros de graduação em licenciaturas; quilombolas e não quilombolas do território do Quilombo de São Benedito. O objetivo da pesquisa foi analisar o papel de narrativas (auto)biográficas na formação de professores negros para uma educação antirracista.

De acordo com a pesquisadora, desses encontros, surgiu um produto educacional: um caderno de formação para formadores. Esse produto foi fruto de uma oficina realizada em 6 encontros, intitulada *Sankofas*, que serviu para trabalhar a formação inicial dos sujeitos de pesquisa com foco no letramento racial. De acordo com a autora, o material pode ser usado na educação básica, por todos os/as professores/as – negros/as e brancos/as - para incentivar a implementação da Lei n. 10.639/2003.

Ainda refletindo sobre a formação docente em uma perspectiva antirracista, os trabalhos de Silva (2009), Teixeira e Cruz (2020), Macedo (2023) e Santos (2024) trazem à tona a discussão em torno da construção das identidades negras e identidades docentes. Considerando as particularidades de cada pesquisa, até onde



foi possível acessar, os textos demarcam a importância das pessoas negras se reconhecerem como tal, de modo consciente, para romper as fronteiras que o racismo impõe às trajetórias formativas de indivíduos descriminalizados pelo racismo.

Por experiência própria do primeiro autor deste artigo, afirmamos que esse é um processo importante para compreensão das nossas escolhas. Tornar-se negro influência, de modo significativo, a maneira como lidamos com os saberes que mobilizamos, e provoca uma ideia de pertencimento, que nos motiva, nos potencializa enquanto sujeitos produtores – não mais reprodutores – de saberes capazes de transformar as realidades que nos cercam.

Apesar das similaridades entre os trabalhos, Silva (2009), Teixeira e Cruz (2020) e Santos (2024) buscam compreender os processos de formação antirracista revisitando suas próprias trajetórias formativas, enquanto Macedo (2023) foca nas trajetórias de professoras de escola pública que se descobriram como negras na fase adulta.

Em Teixeira e Cruz (2020) e Macedo (2023) as análises são orientadas pelo uso do conceito de interseccionalidade, fazendo uma separação entre gênero e raça. De acordo com Gonzales (2020) *apud* Macedo (2023, p. 55), a interseccionalidade é uma abordagem que visa trabalhar categorias de opressão relacionando raça, classe e gênero. Isto é, um instrumento político para o combate das múltiplas opressões sofridas por pessoas negras no mundo contemporâneo.

Nesta revisão, também há um trabalho que discute outro assunto pertinente para pensar a formação docente antirracista: o racismo institucional. A partir de uma reflexão, partindo do corpo negro, o trabalho de Silva e Boakari (2021) se debruça sobre os impactos do racismo no ambiente institucional escolar e não escolar.

No artigo, os autores problematizam a dificuldade que estes espaços têm para lidar com as questões que envolvem a presença do corpo negro. Isso porque, além



de serem submetidos a certos padrões de comportamentos e estéticos contrários à sua cultura, essas pessoas também sofrem outros tipos de violência que são pormenorizadas pelo racismo institucional. Este trabalho nos remete às reflexões de Cida Bento (2022), que em seu livro, *O Pacto da Branquitude*, nos mostra como o racismo institucional é um tema que diz muito a respeito das dificuldades de inserção e permanência de pessoas negras em espaços estratégicos da sociedade.

Por fim, apresentamos dois (2) últimos trabalhos que foram selecionados para esse estudo de revisão bibliográfica. O primeiro é um artigo produzido por Pereira e Lacerda (2019). Nele, os autores discutem questões de raça e racismo sob o olhar do letramento racial crítico, ao mesmo tempo em que fazem uso da narrativa (auto)biográfica, através da metodologia da Teoria Racial Crítica.

De acordo Rojo (2009) *apud* Pereira e Lacerda (2019, p. 94), há duas formas de conceber o letramento. Uma com enfoque (neo)liberal, que busca adaptar a população, enquanto a segunda resgata a autoestima e potencializa as identidades de agentes sociais na sua cultura local, na contra hegemonia global. Com relação a Teoria Racial Crítica, Pereira e Lacerda (2019) explicam que ela se utiliza de narrativas, contranarrativas e (auto)biografias para analisar as experiências vividas sobre raça e racismo.

O último texto é um artigo produzido por Fialho; Machado; Neves (2022), onde, através de uma pesquisa qualitativa, ancorada no estado da arte, buscaram compreender as trajetórias formativas (auto)biográficas de professores/as negros/as nas teses e dissertações brasileiras compreendidas no período entre 2023 e 2021. Nesse estudo, observando as trajetórias, emergiram três categorias para análise: persistência de injúria racial, do racismo no âmbito escolar e ressignificação da prática docente. Um estudo interessante, que pode nos ajudar a compreender o que vem sendo produzido sobre professores/as negras desde que a Lei n. 10.639/2003 foi promulgada.

Os 15 textos selecionados para esta revisão foram agrupados para



apresentar uma ideia das dimensões e das perspectivas que as pesquisas alcançam e dos contextos que elas se fizeram e fazem presentes. Recapitulando, foram três (3) trabalhos voltados para o contexto do ensino superior, discutindo a formação docente. Além disso, duas (2) pesquisas reverberando a uma perspectiva (auto)biográfica antirracista na educação infantil.

Dando ênfase à promulgação e estratégias de implementação da Lei n. 10639/03 no contexto da educação, foram apresentados três (3) textos. Além desses, outros quatro (4) deram destaque à formação docente e à construção da identidade negra no contexto profissional.

Somando-se a esses foi apresentado um (1) trabalho discutindo o racismo institucional (na escola), um (1) discutindo a importância do letramento racial para pesquisa (auto)biográfica e, por fim, (1) um texto apresentando um estudo bibliográfico/estado arte sobre a trajetória de professores/as negras.

DISCUSSÃO DOS RESULTADOS: A EDUCAÇÃO MUSICAL E A PERSPECTIVA ANTIRRACISTA

Esta seção apresenta a revisão bibliográfica sobre a educação musical em perspectiva com a educação antirracista. A seleção dos textos foi realizada nos dias 03 e 04 de fevereiro de 2025. A princípio, nesta seleção, reunimos cinco (5) textos que lançam luz sobre o tema do racismo epistêmico, a partir de uma visão decolonial sobre os processos de ensino e aprendizagem em música.

A pesquisa de Souza (2020) discute as possibilidades de uma educação musical afrodiáspórica para o ensino de violão no ambiente acadêmico, tendo como mote inspirador os saberes e fazeres dos sambas do recôncavo baiano. Como bem diz o autor, uma referência de música diáspórica presente em nossa cultura, mas que dificilmente encontra lugar nos currículos formativos do ensino superior. O



resultado de sua pesquisa "revelou fundamentos epistemológicos-práticos que podem contribuir para se pensar uma educação musical afrodiáspórica e um ensino decolonial do violão" (*ibidem*, p. 09).

A partir de uma experiência vivenciada em uma disciplina de Prática de Conjunto III (2015.2), no curso de Licenciatura em Música, na Universidade Federal do Maranhão (UFMA), Castro, Zorzal, Santos e Neves (2019) produziram um artigo abordando o êxito colaborativo do tambor de crioula no componente curricular.

Castro, Zorzal, Santos e Neves (2019, p. 183) dizem que a referida prática teve uma flexibilização de hierarquia na relação professor/aluno, viabilizada por conta da criação de um ambiente cooperativo, que permitiu que os alunos cotistas, herdeiros das tradições musicais afro-maranhenses, compartilhassem suas experiências e visões de mundo com os demais colegas e assumissem um protagonismo inédito no processo educativo no referido contexto. Os autores concluíram que "a partir da transformação das instituições formadoras de professores de música se pode, com a atuação dos futuros educadores musicais, contribuir para dirimir preconceitos e promover a inclusão de epistemologias historicamente desprezadas" (*ibidem*, p. 183).

A pesquisa de Oliveira (2023), por sua vez, se dá no contexto da Educação de Jovens e Adultos (EJA) e tematiza a participação e o papel desempenhado por mulheres e homens em relação à mobilização do pensamento crítico motivado pela aprendizagem criativo-musical. Nesta pesquisa, a pedagogia crítica de Paulo Freire foi adotada enquanto pedagogia decolonial. Apesar do antirracismo não ser o tema principal da pesquisa, também é visto como elemento importante para emancipação dos sujeitos e para às mudanças de rumo para "sulear" a educação musical.

Oliveira (2023, p. 95) revela que as experiências vivenciadas pelos estudantes, se deram por meio de Projetos Crítico-Musicais Problematicadores (PMCP). De acordo com o autor, os resultados deste trabalho demonstram que, em situações de aprendizagem musical, a ação crítico-musical problematizadora pode



atuar produzindo fissuras decoloniais em dois pilares da estrutura pedagógica: a bancária/colonial (o pilar do autoritarismo) e o pilar bancário/da alienação. Tais fissuras permitem oferecer autonomia às pessoas, bem como construir processo de aprendizagem oferecendo possibilidades para os indivíduos criarem, ampliarem e recriarem sua maneira de ver e de se relacionar com a música (Oliveira, 2022).

Ainda em uma perspectiva decolonial, Santos (2022), a partir das narrativas históricas da música popular de origem negra (Choro e Blues), propõe reflexões sobre a necessidade de romper com os discursos que naturalizam a colonialidade. De acordo com o autor, o trabalho buscou debater as narrativas históricas que evidenciaram exemplos de colonialidades vivenciadas por músicos negros nos gêneros estudados. Além disso, buscou traçar um panorama do uso da temática decolonial na educação musical.

Ainda no campo da Música, o artigo de Döring (2018) chama atenção para uma educação musical embasada nos saberes e nas bases filosóficas das artes musicais africanas. Uma tentativa de aproximar novas epistemologias do campo da educação musical em uma dimensão multidisciplinar. O termo "artes musicais africanas" expresso em seu trabalho é empregado pelo compositor africano Meki Nzewi (2005, 2007), que compreende o fazer musical em conjunto com as expressões poéticas e cênicas com base na filosofia, história oral e espiritualidades africanas (Döring, 2018, p. 138). Isto é, práticas musicais que envolvem "expressão corporal, ritual e gestual – movimento, performance e danças" (*ibidem*, p. 138).

Seguindo, apresentamos os textos que trazem no cerne de suas discussões o tema do racismo, a implementação das Leis n. 10.639/2003 e n.11.645/2008. Aliás, esses cinco (5) trabalhos, pontuados a seguir, debatem a urgência de um diálogo entre a educação das relações étnico-raciais e o campo da educação musical, em diversos contextos de ensino.

Primeiramente, visando o ensino superior, Justino (2024), em sua tese, problematiza a formação de professores e dos currículos propostos nesse contexto



partindo das musicalidades negras, do conteúdo da Lei n. 10.639/2003 e do letramento racial, situando esses elementos como possibilidades decoloniais e antirracistas para a organização dos conteúdos e das práticas educativas. Com resultados transicionais, a pesquisa traz "atravessamentos e os impactos dos conteúdos propostos nos diferentes contextos enquanto mobilizadores políticos e sociais" (*ibidem*, p. 1).

Com foco na educação básica, mais especificamente nos anos finais do ensino fundamental, Gonzaga (2024) questiona e investiga três (3) livros didáticos de Artes para compreender como a música e a cultura afro-brasileira estão sendo representadas nestes materiais, observando três (3) perspectivas: 1) presença de pessoas negras 2) vozes negras e saberes musicais e 3) musicalidade negra e conteúdos musicais, para discutir a implementação da Lei n. 10. 639/2003 no Programa Nacional do Livro Didático (PLND).

Em seu artigo, Batista (2018, p. 54, grifos do autor) aborda um debate acerca do *ensinoaprendizagem de música*, estimulando um diálogo entre as abordagens político-epistemológicas do campo da educação antirracista e da educação musical, com intuito de propor interações com a educação básica. Segundo Batista (2018, p. 54), a urgência da educação musical antirracista no ensino básico é um campo de oportunidades para formação humana de 54% de pessoas negras no país.

No contexto da educação infantil, Beineke (2023, p. 20) também advoga pela urgência de uma educação musical antirracista. De acordo com a autora, tal perspectiva é capaz de ampliar a compreensão da criatividade musical, bem como do conceito de música com a finalidade de contemplar múltiplas criatividades em contraposição à hierarquização de saberes, de práticas que reforçam a invisibilidade de culturas e de pessoas, principalmente de crianças que estão no fluxo das trajetórias não hegemônicas.

Tomando um caminho semelhante, a pesquisa de Medeiros (2021), além de defender a educação antirracista no campo da educação musical, vê o ensino de



música como um fortalecedor da Lei n. 10.639/2003 e da Lei n. 11.645/2008, nos anos iniciais. Sua pesquisa investigou a produção de trabalhos acadêmicos sobre o ensino de música e a demanda legal pertinente às relações étnico-raciais na educação.

Agora no bojo das reflexões em torno da implementação da Lei n. 10.639/2003 e da Lei n. 11.645/2008 e das práticas docentes, apresentamos mais quatro (4) trabalhos. Estes visam elaborar estratégias de práticas docentes para a efetivação das referidas leis, através de vivências com as músicas da cultura popular, com as histórias e músicas de compositoras da cultura local e do Brasil.

Sendo assim, aproximando a cultura popular da sala de aula, Costa (2016) elabora propostas pedagógico-musicais que são alicerçadas pelo conceito da *pretagogia*, concebido por Petit (2015). De acordo com Costa (2016, p. 35), esse é um conceito que busca propiciar ao educando contato com a cosmovisão africana no processo de construção da sua identidade negra.

Também abordando vivências na sala de aula, agora a partir das experiências com os Blocos Afros, Santos (2017) desenvolve recursos pedagógicos para professores da rede pública de ensino da Bahia com intuito de auxiliá-los na construção de práticas musicais que partam da história e da cultura afro-brasileira, para desenvolver a formação crítica e antirracista dos estudantes.

Já a pesquisa de Costa (2024) analisa nas narrativas das compositoras afro-maranhense Dona Teté do Cacuriá (1924-2011), Patativa (1937), Célia Sampaio (1964) as possibilidades de incorporação de saberes musicais oriundos da produção musical das três cantoras/compositoras nas práticas educativas de professores/as da educação básica, ao nível superior, incluindo a pós-graduação. Segundo Costa (2024), os dados mostram que tanto no ensino superior quanto na educação básica há a necessidade de mais espaço para práticas musicais que valorizem a pluralidade cultural visando uma formação antirracista e decolonial.

No presente artigo, optamos em agrupar trabalhos cuja centralidade dos



temas se colocaram mais presentes diante daquilo que foi possível analisar para esta breve revisão. No início, reunimos cinco (5) trabalhos que deram ênfase às práticas de ensino decoloniais e cinco (5) que estabeleceram diálogo entre a educação antirracista e a educação antirracista no campo da educação musical em vários contextos de ensino e três (3) textos com ênfase na implementação da Lei n. 10.639/2003 a partir das práticas educativas em sala de aula. Por fim, trazemos à luz os dois últimos e, não menos importantes, os trabalhos que reverberam questões pertinentes sobre identidade negra e gênero.

Desse modo, segundo Donato (2018, p. 29), seu artigo sintetiza uma pesquisa no campo da educação musical sobre as relações étnico-raciais, realizada com duas turmas do 4º ano em uma escola municipal do Rio de Janeiro, que buscou investigar que mudanças poderiam ocorrer na perspectiva dos alunos, sobre as raízes africanas que carregamos – em nível individual e coletivo – e nas questões da identidade afro-brasileira, mediante o contato com expressões artístico-musicais das produções pretas no Brasil, no contexto da sala de aula.

Oliveira (2022), em sua tese, apresenta um estudo sobre as operações do racismo e da homofobia nas práticas curriculares no ensino de música. A pesquisa objetiva identificar como "as *bixaspretas* professores de música resistem ao racismo e à homofobia produzindo *currículo-cómo-experiências-escrevidas* uma junção entre as concepções Ted Oaki e a escritora brasileira Evaristo Conceição" (*ibidem*, p. 9, grifos da autora).

De acordo com Oliveira (2022), os dados da pesquisa apontam para necessidade de reconhecer que os currículos não são meros planos para execução, mas experiências que *escrevem* a vida vivida, pois são vivenciados corporalmente e adquirem identidades de raça, de gênero e sexuais.



CONSIDERAÇÕES EM ABERTO

Após análise contextualizada das teses, dissertações, textos de qualificação e revistas selecionadas para esta revisão bibliográfica, percebemos que alguns textos podem colaborar com a nossa pesquisa. Sendo assim, no contexto da pesquisa (auto)biográfica, selecionamos uma dissertação e um artigo de revista para interlocução com a pesquisa em desenvolvimento.

A dissertação de Silva (2024) estabeleceu um diálogo frutífero com um dos objetivos específicos de nossa pesquisa: o de incentivar a produção de conhecimento sobre formação e de práticas pedagógico-musicais em uma perspectiva antirracista. Isso porque, em seu trabalho, a pesquisadora apresentou o projeto *Sankofa*, um projeto de formação antirracista idealizado por ela, onde realizou oficinas de letramento racial crítico para professores negros do Quilombo Urbano São Benedito para educação antirracista.

A partir desses encontros, sua pesquisa ofereceu um produto educacional intitulado "projeto *Sankofa*, Caderno de Formação de Professores Antirracistas". À princípio, o projeto foi pensado para o contexto de professores negros, porém, as possibilidades de mobilização do projeto estenderam-se para outros contextos, realidades e sujeitos.

Nesse sentido, entendemos que as experiências vivenciadas por Silva (2024), ao desenvolver o projeto *Sankofa*, até a apresentação de seu resultado, apontam caminhos para refletir e agir em busca de uma formação docente com uma perspectiva antirracista da pesquisa (auto)biográfica, para o campo da educação musical. Além disso, nosso interesse na dissertação de Silva (2024) também se dá por conta de outras duas questões.

A primeira, pelo fato dela também estabelecer diálogo com Marie-Christine



Josso e Maria da Conceição Passeggi, nossas principais referências na sustentação do paradigma narrativo-(auto)biográfico em uma prática de pesquisa que tematiza a formação. A segunda, por estabelecer diálogo entre a pesquisa (auto)biográfica, a Teoria Racial Crítica e o Letramento Racial Crítico, teorias que poderão ajudar a orientar, tanto a coleta quanto a análise de dados em nossa pesquisa.

Por fim, a tese de Macedo (2023) chamou a atenção pela articulação entre o conceito de interseccionalidade e a pesquisa (auto)biográfica. De acordo com Gonzales (2020) *apud* Macedo (2023, p. 55), a interseccionalidade é estudada a partir de uma abordagem que relaciona raça, gênero e classe. Tratando-se da temática antirracista, este conceito também poderá colaborar com o processo de análise de dados.

Das pesquisas que integram a revisão bibliográfica, que contemplam o campo da educação musical, escolhemos destacar uma dissertação e um artigo. A dissertação de Gonzaga (2020) nos fez refletir sobre questões que julgamos ser interessantes para nossa pesquisa.

Isso porque a autora nos instigou a pensar que não adianta somente debater a respeito da implementação da Lei n. 10.639/2003. É preciso, também, vigiar a qualidade da sua aplicabilidade. Aliás, uma estratégia de cuidado com o direito adquirido, representada por anos de luta do Movimento Negro brasileiro, uma forma de potencializar positivamente efeitos da Lei para a população negra, para nossa sociedade e para o campo da educação musical.

O artigo de Batista (2018) soma forças à dissertação de Gonzaga (2018). Ambos os trabalhos aproximam o campo político-epistemológico antirracista da educação musical com questionamentos necessários para discutir e (re)pensar a formação docente na área.

De acordo com Batista (2018), é necessário desconstruir veredas epistemicidas que silenciam práticas sonoro-musicais e as metodologias de ensino e aprendizagem que surgem delas "na" e "com" a escola para propor uma educação



musical ampla, democrática, pluriracial e igualitária. Em nosso entendimento, esse é um exercício ético e democrático para lidar de forma positiva e emancipatória com uma população que, segundo professor Mário Theodoro (2022, p. 21), através da necropolítica, tem a sua cultura, seus valores e crenças atacados, mantidos de forma inaceitável, mas naturalizada, em condições precárias de existência.

Por fim, estes autores serão importantes para tecer essas reflexões em diálogo com eles e pensar sobre os imperativos éticos do objetivo de nossa pesquisa, que é discutir o processo de formação docente de alunos e alunas de um curso de Licenciatura em Música, considerando a perspectiva das relações étnico-raciais mobilizada pela Lei n. 10.639/2003, em uma perspectiva (auto)biográfica.

Encerramos esse artigo resumindo possíveis contribuições da revisão nele apresentada para a discussão da temática formação antirracista pela perspectiva (auto)biográfica, especialmente no campo da Educação Musical.

As pesquisas com foco no ensino superior discorrem sobre a problemática do sistema político que interpenetra as relações de maneira a justificar o racismo e apontam a emergência de temas que floresçam esse cenário complexo, incluindo saberes e conhecimentos de pessoas negras, como estratégia para seu enfrentamento.

Tal estratégia parece ser acertada, também, no contexto de uma formação docente antirracista, em que as perspectivas (auto)biográficas parecem ganhar relevância, uma vez que têm como foco, justamente, uma escuta, de si e dos outros, social e politicamente situada com vistas ao combate aos epistemicídios que ainda envolvem os contextos institucionalizados.

Ao revisitarmos os textos do contexto da educação musical levantados, percebemos que a referida estratégia já está sendo colocada em prática em situações de educação musical, em que conhecimentos de sambas do recôncavo baiano (Souza, 2020), do tambor de crioula (Castro, Zorzal, Santos e Neves, 2019),



do choro e do blues (Santos, 2022) e de Blocos Afros (Santos, 2017) reverberam em possibilidades de uma educação musical no combate a epistemicídios. As contribuições dessas práticas, vão além, refletindo na relação professor-aluno e na concepção do próprio conceito de educação musical.

Com esse estudo, que será amplificado em nossa pesquisa, posteriormente, esperamos somar vozes e escuta às áreas de Educação e Educação Musical, oferecendo caminhos, pelas vias das abordagens (auto)biográficas, de enfrentamento do racismo e de seus efeitos nefastos a população negra e, conseqüentemente à sociedade brasileira.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Érico. **Negritude sem identidade**: sobre as narrativas singulares das pessoas negras. São Paulo: n-1 Edições, 2023.

BATISTA, Leonardo Moraes. Educação Antirracista e Educação Musical: interações e perspectivas para educação básica. **Interlúdio**, Rio de Janeiro, v. 6, n. 10, nov. 2018. Disponível em: <https://portalespiral.cp2.g12.br/index.php/interludio/article/view/1955>. Acesso em: 04 de fev.

BEINEKE, Viviane. Educação musical e criatividade e diversidades na escola: encantando e desconstruindo discursos ingênuos. In: BEINEKE, Viviane (org.). **Educação Musical**: diálogos insurgentes. São Paulo: Hucitec, 2023, p. 19-41.

BENTO, Cida. **Pacto da Branquitude**. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

BRITO SILVIA, Greice Duarte de. **Poéticas Negras Formação e Prática Docente Na Educação Infantil**: arte e estética (sempre) tecidas. 282f. 2022. Tese (Doutorado em educação) - Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2022.

CARNEIRO, Sueli. **Dispositivo de racialidade**: a construção do outro como não-ser como fundamento do ser. Rio de Janeiro: Zahar, 2023.

CASTRO, Renato Moreira Varoni de; ZORZAL, Ricieri Carlini; SANTOS, Robson Cláudio Lopes dos; NEVES, Rafael Rocha Soares. Diversidade na formação de



professores de música: o caso do tambor de crioula no Maranhão. **Opus**, v. 25, n. 1, p. 183-199, jan./abr. 2019. Disponível em: <https://www.anppom.com.br/revista/index.php/opus/article/view/opus2019a2508>. Acesso em: 04 de fev.

CASTRO, Ricardo Dias de. **Práticas que descolonizam a Ciência e o Conhecimento: construções narrativas (auto)biográficas de docentes da UFMG**. 338f. 2022. Tese (Doutorado em Filosofia e Ciências Humanas) - Universidade Federal de Minas Gerais, 2022.

COSTA, Paulo Sérgio Sousa. **O soar dos Tambores na Escola: a música na valorização cultura afrodescendente**. 83f. 2016. Dissertação (Mestrado em Artes) - Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2016.

COSTA, Fernanda Silva da. **Saber Local e Educação Musical: Vozes de cantoras compositoras afrodescendentes do Maranhão**. 244f. 2024. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2024.

DIAS, Shirley Fiuza. **Narrativas Como Farol: educação sob a perspectiva decolonial, antirracista e intercultural em trajetórias de professores de artes na SEDF**. 214f. 2023. Dissertação (Mestrado em Artes Visuais) - Universidade de Brasília, Distrito Federal, 2023.

DONATO, Priscilla Hygino. Sim, sou negra!: as aulas de música e a construção da identidade afro-brasileira. **Interlúdio**, Rio de Janeiro, v. 6, n. 10, nov. 2018. Disponível em: <https://portalespiral.cp2.g12.br/index.php/interludio/article/view/1955>. Acesso em: 04 de fev.

DORING, Katharina. Estética e filosofia das artes musicais africanas na perspectiva da educação musical na América Latina. **Orfeu**, Florianópolis, v. 3, n. 2, dez. 2018. Disponível em: <https://revistas.udesc.br/index.php/orfeu/article/view/1059652525530403022018136/9590>. Acesso em: 04 de fev.

FIALHO, Lia Machado Fiuza; MACHADO, Charlinton José dos Santos; NEVES, Vanusa Nascimento. Trajetórias formativas (auto)biográficas de educadores(as) negros(as) nas teses e dissertações brasileiras (2003-2021). **Revista brasileira de história em educação**, Maringá, v. 22, n. 21, p. 1-24, jan./dez. 2022. Disponível em: http://educa.fcc.org.br/scielo.php?pid=S2238-00942022000100016&script=sci_abstract Acesso em 30 de jan.



GOMES, Nilma Lino. Por uma indignação antirracista e diaspórica: negritude e afrobrasilidade em tempos de incertezas. **Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN)**, v. 10, n. 26, p. 111-124, out. 2018. ISSN 2177-2770. Disponível em: <https://abpnrevista.org.br/site/article/view/642>. Acesso em: 09 de abr.

GOMES, Nilma Lino. **O Movimento Negro educador: saberes construídos nas lutas por emancipação**. Petrópolis, RJ: vozes, 2023.

GONZAGA, Eloisa Costa. **Da Diversidade Musical para Uma Educação Musical Antirracista: análise de três livros didáticos de Artes do Programa Nacional do Livro Didático (PNLD)**. 137f. 2020. Dissertação (Mestrado em Música) - Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, 2020.

GUERREIRO RAMOS, Alberto. **A redução sociológica**. São Paulo: Ubu Editora, 2024.

JOSSO, Marie-Christine. **Experiência de vida e formação**. São Paulo. Cortez, 2004.

JUSTINO, Aparecida de Paula. **Musicalidades Negras na Educação Musical: uma reflexão sobre os currículos de formação docente na perspectiva da lei. 10639/03**. 89f. 2024. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal de São Carlos, São Paulo, 2024.

SILVA, Kácio dos Santos Silva; BOAKARI, Francis Musa. Afrodescendente e a escola: narrativas pessoais como possibilidades de superação do racismo. **Research, Society And Development**, v. 10, n. 12, p. 1-9, set. 2021. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/354702223_O_corpo_afrodescendente_e_a_escola_narrativas_pessoais_como_possibilidades_de_superacao_do_racismo. Acesso em 30 de Jan.

MACEDO, João Heitor Silva. **Cultura, educação e Ensino de História. Combate ao Racismo: narrativas sobre a lei 10.639/03**. 2020f. 2018. Tese (Doutorado em História). Universidade Federal de Santa Maria, Rio Grande do Sul, 2018.

MACEDO, Rejane Lucia Amarante de. **As costuras-Narrativas de Mulheres Negras e Professoras, e suas histórias de Vida-formação**. 162f. 2023. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2023.

MEDEIROS, Fabrícia Cristina Araújo de Souza. **O Ensino de Música como Fortalecedor das Leis nº 10.639/03 e 11.645/08 nos anos iniciais da educação**



básica. 138f. 2021. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Seropédica, Nova Iguaçu, 2021.

MIRANDA, Cláudia. Pensadoras negras na docência do ensino superior: uma análise da perspectiva (auto)biográfica. **Práxis Educacional**, Bahia, v. 14, n. 30, p. 393 - 414, out. / dez. 2018. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/index.php/praxis/article/view/4374>. Acesso em 30 de Jan.

NEVES, Maria Helena Dantas dos Santos. **Entre prosas, guardados de Memória e Experiências Docentes**: educação para as relações étnico-raciais na creche. 221f. 2023. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2024.

OLIVEIRA, Wenderson Silva. **Enviadescer a Educação Musical**: currículos-como-experiências-escrevidas e resistências de bixapretas cearenses ao racismo e à homofobia no ensino de música. 395f. 2022. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2022.

OLIVEIRA, Rafael Dias. **Ação Criativa, Problematização e Pensamento Crítico na EJA**: um estudo sobre a produção de fissuras decoloniais na educação musical. 225f. 2023. Tese (Doutorado em Música) - Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, 2023.

PASSEGGI, Maria da Conceição. A pesquisa (auto)biográfica: por uma hermenêutica descolonizadora. **Revista de estudos feministas em teologia e religião**: Coisas do Gênero, São Leopoldo, v. 2, n. 2, p. 302-314, 2016. Disponível em: <http://revistas.est.edu.br/index.php/genero/article/view/457>. Acesso em: 05 abr. 2025.

PEREIRA, Arivaldo Lopes; LACERDA, Simeia Silva Pereira de. Letramento Racial Crítico: uma narrativa (auto)biográfica. **Travessias**, Cascavel, v. 13, n. 3, p. 90-106, set./dez. 2019. Disponível em: <https://e-revista.unioeste.br/index.php/travessias/article/view/23612>. Acesso em: 30 de jan.

PINHEIRO, Bárbara Carine Soares. **Como ser um educador antirracista**. São Paulo: Planeta Brasil, 2023.



SÁ, Edvaldo Batista de; SANTOS; Yuri Luciano; SILVA, Tatiana Dias. **Edição Censo Demográfico 2022**. Ministério da Igualdade Racial. (Informe MIR - Monitoramento e avaliação, no 3), Brasília: DF, fev/2024. 13 p.

SANTOS, Valnei Souza. **A Música dos Blocos Afros**: formação de professores de música para implementação da Lei 10.639/03. 100f. 2017. Trabalho de conclusão (Mestrado profissional em Música) - Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2017.

SANTOS, Daniel Silva dos. **Música Popular, Colonialidade e Caminhos Decoloniais na Educação Musical**. 120f. 2022. Dissertação (Mestrado em Música) - Universidade Federal do Paraná, 2022.

SANTOS, Tereza de Jesus dos. **Narrativas (auto)biográficas, Resistência e Empoderamento**: uma proposta para a formação de professores sulcada pelas práxis decolonial a partir da afroespectativa. 116f. 2024. Dissertação (Mestrado em Ensino Tecnológico) - Instituto Federal de educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas, Manaus, 2024.

SILVA, Claudilene Maria da. **Professoras Negra**: construindo identidades e práticas de enfrentamento do racismo no espaço escolar. 162f. 2009. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Pernambuco, Pernambuco, 2009.

SILVA, Marisleila Júlia. **Vivências e experiências de professores/as Negros/as no Ensino Superior**. 135f. 2018. Dissertação (Mestrado em Educação, Linguagem e Tecnologias) - Universidade Estadual de Goiás, Anápolis, 2018.

SILVA, Rafaela Fonseca da Silva. **Formação de professores e educação antirracista a partir de narrativas (auto)biográficas**. 146f. 2024. Dissertação (Mestrado em Ensino Tecnológico) - Instituto Federal de Educação e Tecnologia do Amazonas, Manaus, 2024.

SOUZA, Luan Sodrê de. **Educação Musical Afrodiaspórica**: uma proposta decolonial para o ensino acadêmico do violão a partir dos sambas do recôncavo baiano. 248f. 2019. Tese (Doutorado em Música) - Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2019.

SOUZA, Santos Neuza. **Tornar-se negro**. Rio de Janeiro: Zahar, 2021.

TEIXEIRA, Maria Antonieta; CRUZ, Daiane Oliveira da. A formação identitária negra à educação antirracista: uma análise a partir da narrativa (auto)biográfica. **Instrumento**: revista de estudo e pesquisa em educação, Juiz de Fora, v. 22, n. 3, p. 421-439, set./dez. 2020. Disponível em:



<https://periodicos.ufjf.br/index.php/revistainstrumento/article/view/30482> Acesso em 30 de jan.

THEODORO, Mário. **A sociedade desigual**: Racismo e branquitude na formação do Brasil. Rio de Janeiro: Zahar, 2022.

Recebido em: 24/04/2025

Aprovado em: 05/09/2025